



## A CASA, O MEIO, A ESCOLA

A **casa** e o **meio** são espaços de aquisição da linguagem. A escola é responsável pelo ensino e, conseqüentemente, pela aprendizagem da língua.

A metáfora **língua materna** remete-nos, em definitivo, para a mãe, porque é a voz dela que supostamente a criança primeiro ouve (daí, talvez, a designação língua primeira com que é também referida). Mas esta metáfora levanta algumas questões de que J.-D. Urbain (*Langue Française*, Mai 1982, pp. 7-28) faz um levantamento histórico, remontando ao século XIV, quando Nicole d'Oresme introduz no francês a locução *langue maternelle*.

Uma dessas questões tem a ver com o estatuto social desta língua materna. Na sua origem, designava um nível inferior que se opunha ao latim, "língua do saber e do pensamento". À desvalorização da mulher correspondia a desvalorização da língua. E é a língua do pai que passa a ser conotada com o 'bom uso'. A língua materna era a língua do "não pensamento, do não poder, uma língua sem regras, rudimentar, desprezível, rejeitada, esmagada pela língua máscula e nervosa do pai, guerreiro, sacerdote, filósofo e matemático. Era o grau zero da comunicação humana" (J.-D. Urbain, ob. cit., T. A.).

Quadros de pintores célebres denunciam o ambiente doméstico que se vivia: a mulher ocupando-se da casa, da educação e instrução dos filhos, o homem ocupando-se de tarefas que trariam o sustento à casa. "Ela canta. Ele conta. Ela é uma cigarra ignorante e submissa casada com uma formiga matemática e bilingue", escreveu o já citado Urbain. Por um lado, a "língua da casa", por outro a "língua do pão".

Este olhar para trás que este autor nos convida a fazer, por um lado, repõe o problema do estatuto da mulher hoje, do seu desenvolvimento cultural, do meio social em que se movimenta e onde crescem os filhos e da sua relação com o nível de desenvolvimento linguístico das crianças que têm como espaço de comunicação a casa. Por outro lado, remete-nos para outras situações como é o caso das línguas faladas nas ex-colónias. O Português foi adotado

O crescimento linguístico da criança, com reflexos na aprendizagem escolar, está em estreita relação com o nível cultural da **família** ou do **meio** em que está inserida. As diferenças sociais perpetuar-se-ão se a escola não proporcionar o ensino que colmatará as aquisições anteriormente feitas.

como língua oficial por ser a língua de unificação e também a língua que permite o contacto com outros países.

Nos casos da aprendizagem da Língua Materna não é vão falar-se da necessidade da frequência de jardins de infância de forma a possibilitar, aos que as não têm, condições para adquirirem níveis de desenvolvimento linguístico e, conseqüentemente, níveis de desenvolvimento cognitivo que lhes facilitem a aprendizagem quando ingressarem no ensino formal.

Mas a aprendizagem da linguagem não está limitada no tempo nem no espaço. Fora da casa a criança, depois o jovem e depois o adulto vão ter contacto com linguagens diferentes daquela que adquiriram na 'casa'. O cruzamento com diferentes usos no meio em que se movimentam possibilitará essa aquisição. Um dia virá em que a criança chegará a casa dizendo palavras que nunca aí foram ouvidas, depressa o jovem dominará a língua do seu grupo, o adulto a gíria dos que o acompanham no trabalho. Em interação social os indivíduos adquirem usos que caracterizam grupos sociais, etários ou profissionais. E se no ensino formal o docente deve estar atento ao uso da língua que a criança traz de casa quando começa a aprender, nos anos subsequentes deverá fazer aprender que as novas aquisições, a 'sua' linguagem, se acrescentam à que já possui, que dominar vários registos enriquece, mas que as situações de comunicação são variáveis e, por isso, o que é 'correto' numa situação não o é na outra.

De resto, as noções de correto e incorreto, a noção de erro, não são definitivas. O que foi considerado erro em algum momento faz hoje parte do uso corrente, o que hoje arreperia os puristas será, porventura, uso no futuro. Em algumas gramáticas encontra-se *dize* (por vezes ao lado de *diz*) como forma correta da 2.<sup>a</sup> pessoa do singular do imperativo do verbo *dizer*. Essa forma, hoje caída em desuso, era corrente no passado. Construções como *a gente vamos* ou o uso da 2.<sup>a</sup> pessoa do plural em vez da 2.<sup>a</sup> do singular (*dissestes* por *disseste*) não se aceitam ainda.

É evidente que é a oralidade a maior responsável pela renovação da língua e esta possibilidade de renovação resulta da forma como é transmitida na 'casa', de pais a filhos, e da forma como é usada no 'meio', em interação social. À expressão escrita cabe a responsabilidade da conservação do que se considera 'bom uso' mas a língua é viva e, por isso, sujeita a modificações.

À escola compete dar a todos a possibilidade de desenvolverem a competência linguística que lhes permita aceder ao conhecimento, proporcionando as aprendizagens necessárias, fazendo adquirir saberes que os tornem cidadãos cultos; saber-fazer que lhes permitam resolver problemas; atitudes que os ajudem a afirmar-se; respeito por si, pelos outros, pelo trabalho, como forma de serem reconhecidos como parte integrante do mundo em que se movem.

Ora a aprendizagem da língua portuguesa vai começar a fazer-se utilizando-se essa mesma língua. E é o que ouvimos e como ouvimos, o que dizemos e como dizemos, o que lemos e como lemos, o que escrevemos e como escrevemos que a possibilitarão. Se acrescentarmos os **ondes**, os **porquês** e os **para quês** estaremos a ver a extensão da responsabilidade da escola nestas aprendizagens.

Que papel cabe, então, à **escola** para que esta aprendizagem se processe?

Como já ficou dito atrás, em primeiro lugar não desvalorizando as variantes linguísticas que caracterizam o falar dos alunos, qualquer que seja o nível de escolaridade em que se encontrem, particularmente no início.

Mas, no respeito pelas variedades, compete-lhe promover o acesso ao Português padrão.

Compete-lhe também promover a aprendizagem das competências de compreensão e expressão oral e de compreensão e expressão escrita.

Sendo a escola o espaço onde as crianças e os jovens aprendem a língua, ela é, concomitantemente, o espaço de socialização. A uma correta utilização da língua corresponde uma melhor aceitação social. Daí a atenção especial que a aprendizagem merece, o que implica motivação, fator determinante para aquisição de saberes. E a motivação está ligada à curiosidade intelectual a despertar.

Dar sentido às aprendizagens será outra das preocupações a ser assumida pela escola. Quantas vezes os professores de Língua Portuguesa não ouviram já a alunos do 3.º ciclo, ou a outros, a pergunta: para que servem estas aulas se já sabemos falar, ler escrever? Razão para inquietação... É evidente que bastará o confronto com a leitura de textos técnicos ou de outros de alguma complexidade, ou o pedido de escrita de um texto, até de uma 'simples' carta, ou que falem sobre um assunto durante um tempo determinado para concluírem que há sempre muito que aprender.

É preciso mostrar que se aprende para **resolver problemas** dando assim sentido ao que se aprende.

Daí a utilidade de implicar os alunos em trabalhos de projeto, o que lhes dará a possibilidade de lerem textos diversos, literários e não literários; de preencherem formulários, de fazerem requerimentos, de escreverem cartas a diferentes destinatários. Será dar-lhes a oportunidade de pesquisarem informação para trabalhos escritos ou apresentações orais.

Mas há mais: uma escola sem biblioteca é um pássaro sem asas. Em casa de muitos alunos não há livros. Se a escola não lhes proporciona o contacto com eles priva-os da possibilidade de se tornarem leitores. E uma biblioteca escolar cumprirá tanto melhor os seus desígnios quanto a escola for capaz de promover aí atividades que motivem os alunos para a leitura, quanto for capaz de fazer dela um espaço apetecível e não um depósito de livros... mortos.

Para que uma biblioteca cumpra os seus objetivos é necessário, em primeiro lugar, que seja um espaço conhecido dos alunos. Daí que, no início do ano, devem ser proporcionadas visitas aos que entram nas escolas pela primeira vez. Será uma maneira de se informarem sobre os materiais de que podem usufruir, sobre o modo como consultá-los, sobre a organização da biblioteca. Outras atividades podem ser realizadas: leitura de contos (para os mais pequenos), sessões de poesia ou encontros com escritores (para todos os níveis etários).

Sabe-se que a escola hoje entrou em competição com a TV, com a Internet, mas não pode deixar-se ultrapassar por esses recursos tão ao alcance dos jovens. Não pode ignorá-los, competindo-lhe, antes, fazer com que os alunos aprendam a servir-se deles, considerando-os como recursos inestimáveis a vários níveis e da aprendizagem da língua em particular. Tornar os alunos ouvintes e leitores críticos quando assistem a programas da TV; aproveitar as produções escritas das mensagens que trocam pela Internet ou por

No primeiro ciclo do ensino básico é fundamental que a escola proceda de modo a que todos os alunos transitem para o segundo ciclo dominando os saberes e as capacidades necessárias às aprendizagens subsequentes e que estão definidas nos documentos oficiais.

telemóveis será uma forma de fazer adquirir saberes. Deixar que os alunos se sirvam de um computador num qualquer espaço da escola como o fazem em casa, apenas como ocupação de tempos livres, será desperdiçar importantes instrumentos auxiliares de aprendizagem.

Considerando que ensinar e aprender são práticas que implicam diálogo, compete à escola **dar a palavra** aos alunos. Será essa também uma forma de os fazer viver em democracia. Mas 'dar a palavra', para a usar com eficácia, só pode ser entendido como uma prática a disciplinar. É ainda uma forma de a escola se responsabilizar por práticas de língua que conduzem ao êxito.

Promover com maior sucesso o diálogo com os alunos significa que a escola se responsabilizará por criar condições para um diálogo entre os professores como forma de partilharem saberes, de analisarem situações de ensino e de aprendizagem, de criarem ou trocarem materiais pedagógicos, até como forma de catarse para alguns problemas.

Finalmente, e considerando que outras atribuições poderiam ser acrescentadas, à escola compete promover o desenvolvimento linguístico e cultural dos que a frequentam de acordo com os diferentes níveis etários, mas considerando cada um como um potencial aprendiz, não infantilizando, não menorizando o ensino, acreditando que o facilitismo não favorece o crescimento de ninguém.

In Ferraz, Maria José (2007). Ensino da Língua materna. Lisboa: Caminho, pp.20-25.